

retribuição  
sherrilyn kenyon

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

CHÁ  
DAS  
CINCO



Livros com sexto sentido

*Para o meu marido,  
por demasiadas razões para que as possa enumerar.*

*Para os meus rapazes, que me fazem rir  
e enchem de alegria a minha vida.*

*Para os meus amigos que me ajudam a manter a sanidade.*

*E para as minhas leitoras, que têm suplicado pelo livro  
acerca de Sundown.*

*Obrigada a todos por fazerem parte da minha vida  
e por encherem de amor o meu coração.*



Não deixes que ontem ocupe demasiado tempo hoje.  
— PROVÉRBIOS CHEROKEE



WILLIAM JESSUP «SUNDOWN» BRADY  
O HOMEM. O MITO. O MONSTRO. 1873

*escrito por  
Solace Walters*

*DIZEM* que o caminho para o Inferno está repleto de boas intenções. No caso de William Jessup Brady este foi aberto com uma carabina de repetição por alavanca Henry sobre o seu ombro e um revólver Smith & Wesson preso à cintura.

*Numa altura em que o mundo se tornou mais violento do que nunca, ele é o pior de todos. Indomado. Incivilizado. Um rafeiro mestiço nascido das entranhas do fosso mais fundo do Diabo, é o pior flagelo que assombra as nossas cidades e mata indiscriminadamente. Ninguém está em segurança nem é imune à sua raiva. Ninguém está a salvo da sua pontaria. Um mercenário, não recusa qualquer alvo. Homem, mulher ou criança.*

*Se tiver o dinheiro, ele tem a bala. Uma bala que entregará à sua vítima, bem no meio dos olhos.*

*Há quem tente fazer deste vilão um herói romântico. Há quem pense nele como uma espécie de Robin Hood, mas Sundown Brady rouba a todos e só dá a si mesmo.*

*É verdadeiramente um ser sem alma.*

*O preço pela cabeça deste homem são 50.000 dólares — uma fortuna, é certo — e, ainda assim, as pessoas temem tentar sequer capturá-lo. De facto, as autoridades continuam a encontrar os restos mortais espalhados do pobre e virtuoso oficial que cometeu o erro de disparar contra ele em Oklahoma, quando Brady estava a roubar um banco. Nem um tiro acertou no seu alvo. Restará*

*alguma dúvida de que Brady vendeu a sua alma a Lúcifer em busca de imortalidade e invulnerabilidade?*

*Embora Brady não tenha pena de ninguém, este repórter quer saber se haverá alguém com a temeridade de tentar pôr fim à sua maldade. Decerto haverá um homem excepcional, honesto e decente que deseje a fama e o dinheiro que acompanhariam o feito de livrar o mundo do ser mais sinistro que alguma vez o percorreu. Rezo para que tenha coragem, bom homem. Boa pontaria.*

*Acima de tudo, desejo-lhe sorte.*

— **HOJE** muda tudo.

Incapaz de acreditar que tinha vivido o suficiente para alcançar aquele sonho imerecido, Jess Brady encontrava-se à porta da igreja nas suas melhores roupas, as que mais comichões lhe provocavam. Era a última volta que alguma vez pensara que a sua vida miserável pudesse dar.

Roubava bancos e olhava com superioridade para homens experientes, em duelo, sem tremer ou suar, desde os seus treze anos de idade. No entanto, naquele momento, estava tão nervoso como um cavalo zarolho num celeiro em chamas. Todo o seu ser fora tomado pelos nervos. Todo o seu ser estava plenamente vivo e, pela primeira vez desde que nascera, ansiava realmente pelo futuro.

Com a mão a tremer, puxou do bolso o seu relógio de ouro, velho e amolgado, para ver as horas. Dentro de cinco minutos deixaria atrás de si, para sempre, o seu passado brutal e renasceria um homem novo. Deixaria de ser Jessup Brady, batoteiro, pistoleiro e assassino contratado, estando prestes a tornar-se William Parker, agricultor...

Homem de família.

Do outro lado das portas brancas da igreja estava a mulher mais bela do mundo, e esperava que ele entrasse e a tornasse sua.

*Os sonhos tornam-se realidade*, dissera-lhe a sua querida mãe, quando ele era um rapazinho, mas a sua vida dura e o pai bêbedo, que fora consumido pelo ciúme e o ódio pelo mundo inteiro, tinham expulsado dele tal ideia antes de completar doze anos e se erguer sobre a sua campa de indigente. Nada de bom lhe acontecera desde que ela caíra doente, e os anos do seu sofrimento haviam deixado no interior de Jessup uma amargura profundamente enraizada. Uma pessoa com um coração tão puro jamais deveria sofrer tanto.

Nem uma só coisa lhe dera prazer ou o fizera pensar, por um segundo,

que o mundo seria algo mais do que absoluta miséria para os idiotas suficientemente infelizes para nele haverem nascido. Não até Matilda Aponi lhe ter sorrido. Só ela lhe fizera acreditar que o mundo era um sítio lindo e que nem todas as pessoas eram animais violentos determinados a castigar todos os que os rodeavam. Fizera-lhe querer ser um homem melhor. O homem que a sua mãe lhe dissera que ele podia ser.

Um homem livre de ódios e amarguras.

Ele ouviu o som de um cavalo que se aproximava. Aquele seria o seu padrinho, Bart Wilkerson. A única pessoa na sua vida, para além de Matilda, em quem confiara, e o homem que o acolhera quando não era mais que um miúdo de treze anos que fugira de casa. Bart ensinara-lhe a sobreviver num mundo frio, hostil, que parecia invejar cada sopro seu. Recebera os tiros destinados a Bart em três ocasiões diferentes, e os dois tinham sobrevivido juntos a mais confusões do que dois demónios a escalar as muralhas espinhosas do Inferno.

Como Jess, Bart envergava um longo casaco de fato escuro, e o seu cabelo, que começava a ficar grisalho, estava penteado de fresco. Ninguém seria capaz de dizer, olhando para eles naquele momento, que se tratava de dois fora da lei famosos. Pareciam respeitáveis, mas Jess queria mais do que isso. Queria *ser* respeitável.

Bart deslizou do seu cavalo e prendeu-o ao lado da caleche de Jess, que este comprara especificamente para aquele dia. Raios, até a decorara com lírios — a flor preferida de Matilda.

— Estás pronto, miúdo? — perguntou Bart solenemente.

— Sim. — Por muito assustado que estivesse, não havia nada no mundo que desejasse mais.

Nada.

Já dera tudo aquilo que ganhara ilegalmente, para que Matilda não descobrisse o seu passado. Por ela, faria qualquer coisa.

Incluindo tornar-se honesto.

Jess avançou para as portas, com Bart um passo atrás de si. Mal havia chegado aos degraus quando soou um tiro.

Sugou o ar abruptamente.

Uma dor súbita invadiu cada parte do seu corpo quando o impacto do disparo lhe arrancou o chapéu da cabeça e o fez voar. Este aterrou a vários metros de distância e rebolou pelo chão, até ter ficado preso num arbusto próximo. Jess tentou dar um passo em frente, mas outros tiros seguiram-se ao primeiro. E todos eles acertaram em diversas partes do seu corpo.



Aqueles tiros levaram-no a fazer algo que nunca fizera.

Caiu de joelhos na terra.

Sentindo a raiva a incendiar-se, quis devolver o fogo, mas Bart sabia que ele tinha vendido as suas armas para comprar a aliança de Matilda — esse fora o seu derradeiro ato para se ver livre do velho Jess Brady. Estava completamente desarmado. A única coisa que jurara que jamais aconteceria.

*Como pude ser tão estúpido? Como pôde virar as costas a alguém, quando sabia que nunca o deveria fazer?*

Talvez aquela fosse a sua penitência pelos pecados que cometera. Talvez aquilo fosse tudo o que um sacana como ele merecia.

Ser abatido a tiro naquele que deveria ter sido o dia mais feliz da sua vida.

Bart derrubou-o com um pontapé.

Arquejando sob o peso da dor e sentindo o gosto do sangue, Jess ergueu para ele os olhos. O único homem pelo qual arriscara a vida inúmeras vezes.

— Porquê?

Bart encolheu os ombros descontraidamente, enquanto recarregava a arma.

— É tudo uma questão de dinheiro, Jess. Sabes disso. E, neste momento, vales uma fortuna.

Pois... como podia ter-se esquecido do código? Matando-o, Bart seria o homem mais rico de Gull Hollow. Não que já não o fosse.

Fora a Bart que Jess dera todo o seu dinheiro.

Jess cuspiu sangue, enquanto a sua visão se toldava. Tinha agora tanto frio. Estava mais frio do que quando era apenas um rapazinho a trabalhar num campo, no início da primavera, sem sapatos ou um casaco. O pai sempre lhe dissera que ele ia acabar assim. *Não passas de lixo, rapaz. E nunca passarás disso, e não viverás o suficiente para ser mais do que isso. Ouve o que te digo. Terás um triste fim, um dia.*

E ali estava ele, moribundo, aos vinte e seis anos de idade. Tão mau que Deus não lhe permitia, sequer, que chegasse às portas da igreja de Matilda.

Mas, no fim de contas, ele era *Sundown*, e *Sundown* Brady não iria calmamente para a sua campa. *Homem algum seria capaz de o matar e sobreviver.*

— Voltarei para te vir buscar, Bart. Nem que tenha de vender a minha alma para o fazer. Juro por Deus. *Vou matar-te por isto.*

Bart deu uma gargalhada.

— Dá os meus cumprimentos ao Diabo.

— William! — O grito agonizante de Matilda magoou-o ainda mais do que os ferimentos das balas.

Virou-se para olhar para ela uma última vez, mas antes que o conseguisse fazer, Bart concluiu friamente o serviço e negou-lhe até o consolo de ver o rosto dela antes de morrer.

**JESS** acordou a praguejar. Pelo menos achou que estava a acordar. No entanto, para ser sincero, era difícil ter a certeza. Estava mais escuro ali do que no canto do coração do seu pai reservado a quaisquer sentimentos de ternura que o velho sacana pudesse ter por ele. O silêncio era de tal modo ruidoso que lhe retinia nos ouvidos.

Não ouvia sequer o bater do seu próprio coração.

*Porque estou morto.*

Lembrou-se da dor de ser morto a tiro, de tentar ver Matilda no seu vestido de noiva...

*Então o Inferno é isto.*

Mas, para ser sincero, estava à espera de chamas e de uma agonia dilacerante. Demónios que investiam sobre ele com forquilhas e cheiros semelhantes às coisas que limpava dos estábulos quando era miúdo.

Em vez disso, não havia nada dentro da escuridão.

— Isso é porque estás no Olimpo. Pelo menos a tua alma está.

Virou-se quando uma luz solitária se acendeu e lhe revelou a mulher mais bela que alguma vez vira. Alta, esguia e curvilínea, tinha um cabelo tão ruivo, que cintilava na luz fraca. Com brilhantes olhos verdes, parecia etérea. Mais como um anjo do que como um demónio, em especial tendo em conta o fluido vestido branco que estava a usar e que lhe abraçava o corpo. Havia algo no seu estilo que o fazia pensar nas estátuas brancas que vira em alguns dos hotéis mais elegantes em que se instalara ao longo dos anos, depois de obtido um bom saque.

— O que é o Olimpo?

A mulher emitiu um som que o fez pensar numa égua prestes a lançar ao chão o seu cavaleiro por este a ter irritado.

— Sofro com a pobre educação do chamado homem moderno. Como é possível que não saibas o nome da montanha onde residem os deuses gregos?

Ele esfregou o maxilar e obrigou-se a controlar a sua própria irritação perante o insulto. Enquanto não soubesse quem era aquela mulher, talvez fosse mais sensato não a deixar demasiado zangada.

— Bem, minha senhora, sem ofensa, mas é provável que tenha qualquer coisa a ver com o facto de eu não ser grego. Nasci em Possum Town, no Mississípi, e nunca viajei mais para leste do que isso.

Ela rosnou baixinho, no fundo da garganta, depois falou irritadamente numa língua que ele não compreendia, e talvez tenha sido pelo melhor. Não havia qualquer necessidade de ficarem os dois zangados.

Cerrando os punhos, ela acalmou-se e imobilizou-o com um olhar assassino.

— Tentarei falar de maneira a que me possas compreender. Sou a deusa grega Ártemis.

— Não acredito em deuses e deusas.

— Bem, devias acreditar, porque esta deusa tem um acordo para te propor que acho que te interessará.

Ora, aquelas palavras fizeram-no levantar as orelhas.

— Um acordo, como?

Ela eliminou a distância que os separava de modo a poder sussurrar-lhe ao ouvido.

— Ouvi o que disseste quando estavas a morrer aos pés do teu melhor amigo. A tua alma clamava por vingança, tão alto, que me invocou até aqui para te interceptar antes que chegasses ao teu derradeiro destino.

O olhar dele fixou-se no dela.

— Podes mandar-me de volta para matar o Bart?

— Sim, posso.

Uma alegria feroz cortou através dele só de pensar nisso. Só por aquilo, ela podia continuar a insultá-lo o dia todo.

— A que preço?

— Tu mesmo o referiste quando estavas a morrer.

— A minha alma.

Ela inclinou a cabeça num gesto de assentimento, antes de lhe dar uma palmadinha no rosto.

— É o preço da vingança por estas partes. Mas não te preocupes. Há outras regalias de não se ter alma. Se concordares, dar-te-ei vinte e quatro horas para fazeres o que quiseres àquele que te traiu. Sem quaisquer consequências para ti.

Isso era algo que lhe agradava. De qualquer maneira, a sua alma enegrecida nunca lhe servira de muito.

Ártemis sorriu.

— Serás imortal e receberás todas as riquezas que alguma vez imaginaste.

— Consigo imaginar muito.

— E mesmo assim não encherá sequer um canto de tudo o que irás receber.

*Quando algo parece demasiado bom...*

Ele deslizou o polegar pelo lábio inferior, enquanto a fitava, desconfiado.

— E a letra miudinha?

Ela riu-se, malévola.

— Afinal sempre és inteligente. Ainda bem. Isso torna o meu trabalho mais fácil.

— Trabalho?

— Hmmm. Irás servir no meu exército de Predadores da Noite.

Ele franziu o sobrolho.

— Predadores do quê?

— Da Noite — repetiu ela. — São guerreiros imortais, selecionados à unha, por mim.

— Selecionados à unha? — De que estaria ela a falar?

— Seja qual for o termo — ripostou, irritada. — São os meus soldados que protegem os humanos dos *daemon* que os caçam.

Tecnicamente, estavam a falar a mesma língua, mas bolas... Era difícil seguir uma mulher que usava tantas palavras que ele nunca tinha ouvido.

— O que é um *daemon*?

Ela pousou as mãos nas ancas, enquanto andava de um lado para o outro à frente dele.

— Em suma, a borrada do meu irmão Apolo. Há vários séculos, ele criou uma raça a que chamou *apollite*. — Fez uma pausa para olhar para Jess. — Que arrogante da parte dele, não? Achava que o Homem era um ser fraco e que seria capaz de fazer melhor. — Em seguida voltou a andar para trás e para a frente. — Seja como for, soltou-os sobre a humanidade, e os *apollite* viraram-se contra ele e mataram a sua concubina humana preferida e o meu sobrinho. O que não foi muito sensato. Por que razão pensariam que Apolo não iria descobrir quem os havia assassinado, é algo que não compreendo. Não parecem um grande melhoramento, pois não?

Ártemis revirou os olhos.

— *Apollite*... ridículos. Seja como for, estão agora amaldiçoados por ele, e a única maneira de conseguirem viver para lá dos vinte e sete anos é matando seres humanos e roubando as suas almas (podemos agradecer a uma vaca de uma deusa atlante por essa bênção). — Agitou a mão no ar, num gesto de agitação suprema. — Nem me perguntes o quanto gostaria de a matar.

Ártemis baixou a mão e fitou-o.

— Seja como for, é aqui que entras tu, caso tenhas estado a prestar atenção. Vendes-me a tua alma, e passas o resto da eternidade a caçar e a destruir os *daemon* (o nome atribuído aos *apollite* que se banqueteiavam com almas humanas). Posso descontar contigo?

— Queres dizer *contar*?

— Tanto faz. Sim.

Jess pensou um pouco. A última vez que se mostrara interessado em fazer um acordo com alguém fora com Bart.

Algo que, no final, não resultara muito bem.

— Não sei. Tenho de pensar sobre isso.

Ártemis abriu a mão estendida e deslizou-a para a sua direita. O gesto fez tremeluzir uma luz até terem surgido imagens. Jess arquejou com a imagem. Era incrível. Estava a ver tudo como se olhasse através do vidro de uma janela — tão real, que sentia que poderia estender o braço e tocar na cena.

As imagens mostravam Bart a atirá-lo ao chão com um pontapé e depois a derradeira bala, que lhe penetrou o crânio.

Desta feita, viu não apenas Bart a matá-lo, mas também o que Bart fizera depois de ter passado por cima do seu corpo. A raiva foi crescendo à medida que Jess o viu a matar o pai de Matilda e pastor, arrastando em seguida a sua noiva para um quarto nas traseiras.

— Basta! — rugiu, incapaz de aguentar mais. Sempre soubera que Bart era parte animal, mas aquilo só o vinha provar. Como se atrevia a conspurcar Matilda daquela maneira...

Maldito fosse.

Com a raiva ao máximo, olhou furiosamente para Ártemis, enquanto tremia literalmente sob o peso da sua necessidade de se banhar no sangue de Bart.

— Conta comigo.

— Há mais alguns pormenores que deves conhecer, como...

— Não quero saber — rosnou ele, interrompendo-a. — Desde que comece comigo a esventrar aquele sacana, faço qualquer coisa. E quero mesmo dizer *qualquer* coisa.

— Muito bem, então. — Um brilhante medalhão de ouro surgiu na palma da mão dela. Ela agarrou-lhe no braço e encostou-lhe o medalhão.

Uma dor lancinante rasgou através dele, enquanto arquejava de agonia. Ainda assim, ela mantinha o medalhão encostado ao bíceps dele, ignorando o cheiro a carne queimada, tão desagradável, que lhe deu a volta ao estômago.

Quando ela se afastou, por fim, ele sentiu-se completamente drenado e fraco. E havia uma estranha marca com um arco duplo e uma flecha no seu braço, no local onde ela pressionara o medalhão.

Precisamente quando lhe ia perguntar como poderia lutar com alguém naquele estado, um novo calor deslizou pelo seu corpo, dos dedos dos pés ao cima da cabeça. De súbito, sentiu-se mais forte do que alguma vez sentira. Mais alerta. Conseguia ouvir coisas que não faziam sentido. Coisas como o bater do coração de Ártemis e o sussurro de vozes distantes. Guardava em si mais conhecimento do que aquele que alguma vez lhe fora ensinado.

Era como se fosse um deus, e no entanto sabia que, apesar de todo o poder que recebera, este não era nada comparado com o de Ártemis.

Fechando o medalhão na mão, ela afastou-se dele.

— Tens vinte e quatro horas, rapaz dos cavalos, para matares o teu traidor como achares mais adequado e para te vingares. Usa-as bem. Oh, e fica sabendo que não podes deixar que a luz do sol te toque. Se o fizeres... Bem, não queiras morrer sem a tua alma. É muitíssimo desagradável. Durante os próximos dias, um homem chamado Acheron Parthenopaeus contactar-te-á e ensinar-te-á tudo o que precisas de saber acerca de ser um Predador da Noite. Se fores esperto, dar-lhe-ás ouvidos. — Dirigiu-lhe um sorriso malévolos, ao mesmo tempo que recuava e erguia os braços. — Bem-vindo à loucura.

## *Capítulo*

### UM

*138 anos depois  
Las Vegas, Nevada*

— **COMO** se sente?

Abigail Yager quase não compreendia aquelas palavras, enquanto o médico se erguia sobre a sua cama, injetando-lhe uma substância que podia muito bem ser letal. Mas, se funcionasse, valia a pena o risco.

— Diga?

— Abby? Consegues ouvir-me?

Ela pestanejou lentamente e tentou concentrar-se na pergunta de Hannah. Estava tudo tão turvo. Ainda assim, conseguia ver a maneira como a luz brincava no cabelo louro de Hannah. A preocupação no belo rosto da irmã.

— Hum... sim.

Hannah praguejou.

— Está a matá-la. Pare!

O médico não lhe deu ouvidos.

Hannah arrancou na sua direção, mas antes que conseguisse chegar ao lado oposto da cama, o irmão mais velho, Kurt, intercetou-a.

— Para, Hannah.

— Não sabemos o que isto lhe fará. Ela é humana!

Kurt abanou a cabeça.

— Ela precisa disto. Se nos fortalece a nós, deverá fazer o mesmo por ela. Além disso, é demasiado tarde. Nesta altura, ou a ajuda ou ela está morta. Tão simples quanto isso.

Poderia haver menos preocupação no tom dele?

Hannah empurrou Kurt para longe.

— Sinto vergonha de ti. Depois de tudo o que fez por nós, continuas a não ver nela nada mais que um ser humano. — Regressou para o lado de Abigail e tomou-lhe a mão. — Fica comigo, Abby. Não me deixes sozinha com um cretino insensível como único membro da minha família.

— Não sou nenhum cretino!

Hannah ignorou-o.

— Preciso da minha mana mais velha. Vamos, miúda. Não me falhes.

Abigail não conseguia seguir a furiosa troca de palavras a que se haviam dedicado. Para ser sincera, a única coisa que conseguia ouvir era o bater do seu próprio coração nos ouvidos. Viu imagens do passado a desfilarem pela sua mente como se tivessem sido gravadas num DVD. A velha casa de dois pisos onde os três haviam crescido. Ela e Hannah a esgueirarem-se, uma para junto da outra, bem depois da hora de deitar, para sussurrarem e darem risadinhas acerca das celebridades que haviam despertado nelas as suas mais recentes paixonetas.

Tantas memórias felizes desse tempo...

Os seus pensamentos voltaram-se para a mãe e o pai de Kurt e Hannah, que a haviam acolhido depois de os pais de Abby terem sido assassinados. Também eles haviam morrido há vários anos devido àquela maldição, e não havia nada que ela não fizesse pelos seus irmãos adotivos.

*E podes muito bem estar a pagar o derradeiro preço.*

— Espere...

Seria a voz do médico?

O tamborilar tornou-se mais forte, ao mesmo tempo que ela sentia algo a estilhaçar no interior profundo do seu corpo. Arqueando as costas, gritou, ao mesmo tempo que todas as moléculas do seu corpo pareciam incinerar-se.

— O que é que lhe está a acontecer?

— Tire daqui a sua irmã.

Abigail ouviu Hannah a protestar, enquanto Kurt a puxava para fora do quarto e batia com a porta atrás deles. As lágrimas corriam-lhe pelos cantos dos olhos. Já não conseguia ver nada, e no entanto via tudo. Não tinha como descrevê-lo. Era como se tivesse um espelho para o mundo.

— Respire — sussurrou o médico. — Limite-se a respirar. Não vou deixá-la morrer.

Era mais fácil dizê-lo do que fazê-lo. A dor trespassava-lhe o corpo. Era como se estivesse a arder de dentro para fora.



Incapaz de o suportar, gritou até não conseguir gritar mais. Era aquilo. Apesar do que ele dissera, ela estava a morrer. Tinha de estar. Decerto ninguém seria capaz de suportar toda aquela dor e viver. Não havia qualquer hipótese de ela sobreviver.

De facto, sentia que a escuridão se apoderava dela. Engolia-a inteira. Um bocado de cada vez. Estraçalhando-a por completo.

Virou a cabeça de um lado para o outro, tentando respirar. Alguma coisa colocara as mãos em redor do seu pescoço, apertando-o.

Seria o médico?

Não se conseguia concentrar. Não conseguia ver.

— Pare! — O seu próprio grito ecoou-lhe dentro dos ouvidos.

Depois, tão depressa como chegara, a dor deixou-a — como um pássaro que se elevou no céu sem razão aparente. Desapareceu.

Tinha a garganta tão seca. Inclinou a cabeça, em busca do olhar do médico. A preocupação marcava-lhe a testa, enquanto ele baixava a máscara do rosto.

— Como se sente? — Só um fragmento mínimo das suas presas era visível enquanto falava. Algo mais brilhava. Uma memória dele que desapareceu tão depressa, que não a conseguiu captar.

Seria importante?

— Preciso de água — disse com a voz rouca.

— Deseja mais alguma coisa?

— Sim — murmurou ela.

— O quê?

Abigail lambeu os lábios ao mesmo tempo que a recordação da morte dos pais a dilacerava. Mesmo passados todos aqueles anos, a memória estava perfeitamente intacta. Como se tivesse acontecido apenas no dia anterior.

Com quatro anos acabados de fazer e envergando um pijama vermelho da Rua Sésamo, escondera-se debaixo da cama, enquanto o homem a quem os pais tinham chamado amigo os assassinava implacavelmente com uma caçadeira. Aqueles sons horrendamente violentos estavam para sempre gravados no seu coração. De onde se encontrava, vira as botas de *cowboy* pretas, que faziam guinchar as tábuas do chão, enquanto ele revirava o quarto. Aterrorizada, vira-o deixar um rasto de sangue sobre o seu tapete de princesa cor-de-rosa. Levava à boca o seu ursinho preferido e mordera-o com força, para não gritar e assim trair a sua localização. Ele fizera uma pausa em frente à cómoda, e ali, no espelho, vira o seu rosto tão claramente. Tão perfeitamente.

E ao ouvir aqueles passos pesados a deixar a sua casa, ela jurara uma coisa.

Encontrar aquele homem e matá-lo com a mesma brutalidade com que ele lhe matara os pais. Forçá-lo a suplicar por uma misericórdia que ela não tinha qualquer intenção de dar.

A vingança seria sua...

— Abigail? — O médico obrigou-a a olhar para ele. — O que mais deseja?

— O pescoço de *Sundown* Brady.

## *Capítulo*

### DOIS

— **ALGUÉM** anda a matar os Predadores da Noite.

Jess Brady franziu o sobrolho ao seu Escudeiro, Andy, que entrou de rompante na cozinha obscenamente grande, a arfar, com o cabelo escuro des-penteado e espetado, como se o rapaz tivesse estado a puxar por ele — um hábito que Andy tinha sempre que estava bastante stressado.

Muito pouco entusiasmado, em especial porque acordara há pouco, Jess soprou o café fumegante.

— Tem calma, cachorrinho. Ainda não tive a minha dose de cafeína hoje.

E ele não era uma pessoa dada a manhãs, mesmo que estas fossem aquilo a que a maioria das pessoas chama início da noite.

Ainda assim, o rapaz não parava de saltar de um lado para o outro como uma potra de roda de uma cascavel. Será que *ele* se mostrara alguma vez tão nervoso em relação a alguma coisa?

A resposta atingiu-o com força no peito e nada fez para reduzir a sua irritabilidade.

Jess afastou rapidamente os seus pensamentos daquela memória e concentrou-se no rapaz que conhecia desde um tempo em que Andy não era mais do que uma cria.

Embora Andy se aproximasse agora dos trinta, era mais nervoso do que qualquer pessoa que Jess tivesse conhecido. Em momentos como aquele, sentia a calma do pai de Andy. Nunca nada afetava aquele homem.

Nem mesmo a vez em que aterrara num ninho de escorpiões.

— *Sundown*... não estás a compreender. É...

Ele ergueu a mão, parando o rapaz a meio da frase.

— Eu percebo, miúdo. Caso não tenhas reparado, os Predadores da Noite estão em quase tantos menus quanto os humanos. Ter alguma coisa a tentar matar-nos é, mais ou menos, normal. Portanto, por que razão estás mais desorientado do que um sacerdote num bordel?

— É isso que te estou a tentar dizer. — Andy apontou para a porta, como se esperasse que o Papão entrasse por ela de rompante. — Anda por aí uma humana a matar Predadores da Noite e alguém tem de a parar.

Jess bebeu um gole, calmamente, antes de falar. Ah, sim, no ponto. Um bocadinho mais, e ficaria tão perto de se sentir humano quanto era possível a um homem morto.

— Ora, isso é francamente rude.

Tudo o que aquilo fez foi deixar Andy ainda mais frustrado.

— Acho que não compreendes o que estou a tentar dizer-te.

Jess coçou a barba rala ao longo do maxilar.

— E a minha mãe afogou os mais burros. Estou a ouvir tudo o que estás a dizer. Anda para aí um grupo de Buffys que acham que nós somos os maus da fita. Não é o meu primeiro *rodeo*, cachorrinho. Já acontece há tanto tempo, chamavam-lhes Helsings muito antes de o teu pai ser uma centelha nos olhos do teu avozinho. Obrigado, Hollywood e Stoker. Não que ser um morto-vivo não fosse uma treta antes. Só pioraram as coisas, ao dizer ao resto do mundo que nós existimos. Agora todos os góticos com sede de imortalidade andam atrás de nós a implorar-nos que os mordamos e transformemos. Alguma vez te contei acerca daquela altura em que...?

— *Sundown* — interrompeu Andy. — Eu...

— Tu precisas de ter cuidado com esse tom, rapaz. Lembra-te de que o meu ganha-pão era matar pessoas, e ainda não estou acordado há tempo suficiente para me sentir muito tolerante. Acalma-te um bocadinho antes que eu me esqueça que é suposto gostar de ti.

Andy emitiu um longo suspiro.

— Como queiras, mas responde-me a isto.

Bolas, quando é que o miúdo se tinha transformado no Enigma? Não devia ter permitido que o Andy visse todas aquelas repetições do *Batman* quando era miúdo.

— No passado, algum desses foi atrás de vocês à frente de uma comitiva de *daemon*?

Ora, aquilo prendeu-lhe a atenção. Embora não fosse incomum os *daemon* usarem humanos como criados ou ferramentas, de tempos a tempos, não era normal que seguissem um.

Jess pousou o café sobre o balcão de aço inoxidável.

— Como é isso?

— Pois... esta viaja com um bando de *daemon*, e têm assassinado todos os Caçadores que conseguem encontrar. Já matou três aqui e outros três no Arizona e em Oklahoma.

Jess demorou um minuto inteiro a digerir a notícia.

— Como é que sabes isso?

— Fui contactado pela Tawny, que o ouviu da mãe.

Ora, para a maioria, aquilo parecia bizarro. Mas como Andy, Tawny provinha de uma família de Escudeiros multigeracional. Há alguns milhares de anos, a rede de Escudeiros fora montada para oferecer uma cobertura «normal» aos Predadores da Noite noturnos, durante as horas do dia, enquanto estes dormiam. Os Escudeiros ajudavam-nos a passar por humanos e, acima de tudo, os Escudeiros protegiam a sua existência do resto do mundo e cuidavam das suas necessidades quotidianas para que se pudessem concentrar no seu trabalho. Matar *daemon* e libertar as almas humanas por eles roubadas antes que essas almas morressem e se perdessem para sempre.

Mas a melhor parte acerca dos Escudeiros era o facto de alguns serem Oráculos que eram capazes de falar diretamente com os deuses e obter informações que os Predadores da Noite podiam usar para localizar e matar *daemon*.

Por acaso, a mãe de Tawny era um desses Oráculos.

Decifrar o que diziam os deuses, contudo, era outra questão.

Jess encostou-se à bancada da cozinha e cruzou os braços sobre o peito.

— Conta-me exatamente o que disse a mãe dela.

— Ela disse que vêm lá maus ventos e que deves ter cuidado. Lionel não foi incapaz de chegar a casa antes do nascer do dia. Foi assassinado e o seu assassino, uma humana à frente de uma guarda *daemon*, está à caça de mais da sua espécie.

Lionel era um outro Predador da Noite que fora colocado em Las Vegas. Morrera há três noites, por ter sido incapaz de chegar ao seu abrigo antes do nascer do sol — pelo menos tinha sido isso que lhe haviam dito. A imortalidade tinha o seu preço, e embora as coisas que os podiam matar fossem poucas, essas poucas eram uma feia maneira de morrer.

Jess esfregou a testa com o polegar.

— E os deuses falaram assim tão claramente?

Andy esquivou-se.

— Bem... não exatamente. Sabes como são.

Sim, falam sempre em enigmas que são mais difíceis de desenredar do que uma cobra de duas cabeças.

— Então, como...?

— Demoraram vários dias a decifrá-lo, mas ela jura que tem razão e que tens de ter cuidado.

Isso era algo que já fazia desde que a deusa Ártemis o trouxera de novo à vida. Bart ensinara-o bem acerca de vigiar todos os ângulos do seu corpo e manter-se alerta acontecesse o que (ou quem) acontecesse. Jess não tinha qualquer vontade de voltar a ser uma vítima.

— Andy...

— Escusas de vir com o *Andy*. Eu acredito nela. É um dos melhores Oráculos que temos.

Ele tinha razão quanto a isso. Mas...

— Todos cometemos erros. — E Jess tinha cometido mais do que a sua conta.

O maxilar de Andy foi agitado por um tique. Era óbvio que queria saltar para cima de Jess, mas sabia que não valia a pena tentar, sequer.

— Muito bem — disse, desistindo por fim da questão. — Como queiras. É de ti que andam atrás, por isso não tenho nada a ver com o assunto. Há Predadores da Noite mais do que suficientes para eu trabalhar. E provavelmente também são muito menos irritantes do que tu. — Depois mudou de assunto por completo. — Reparei o localizador e o telefone. — Estendeu o iPhone a Jess. — Tenta não o molhar esta noite.

— Não tenho culpa que o *daemon* que eu estava a perseguir tenha decidido atravessar uma fonte a correr. — A pior parte acerca de viver em Las Vegas residia no facto de existirem fontes enormes por todo o lado e, por alguma razão, os *daemon* pareciam pensar que os Predadores da Noite eram alérgicos à água. Ou talvez aquela fosse a sua maneira de os irritar antes de serem mortos.

Andy ignorou o comentário.

— A mãe preparou algumas bolachas de aveia para ti. Estão no jarro junto ao lava-louça. — Apontou para o recipiente que parecia uma carroça Conestoga<sup>1</sup>, que ficava francamente deslocado na cozinha industrial concebida para alimentar um grande exército.

---

<sup>1</sup> Carroça coberta amplamente usada nos Estados Unidos durante os séculos XVIII e XIX. (*N. da T.*)

Pensar nos biscoitos animou-o um pouco. Cecília fazia os melhores do mundo. Era aquilo de que sentia mais falta acerca de ter o pai de Andy a trabalhar para ele. C costumava ter uma nova fornada a arrefecer no forno todas as noites quando ele subia para o café.

Andy prosseguiu com o seu relatório.

— Fui buscar a roupa à lavandaria e pendurei-a no roupeiro do corredor. Confirmei com a empresa, e os teus cavalos serão transportados para aqui a partir do rancho, durante a próxima semana, por isso podes parar de fazer beicinho de cada vez que passas pelas selas.

Uau, ele não se apercebera de que tinha feito aquilo. Hum... ia ter de prestar mais atenção às suas expressões. Odiava ser assim tão óbvio para alguém.

Andy fez um gesto na direção da porta.

— As botas que encomendaste estão na caixa na mesa da entrada, tal como as facas de arremesso que o Kell enviou para substituir as que partiste uma destas noites. Não consegui enformar novamente o *Stetson* preto, por isso encomendei um novo. A tua mota está atestada e Sin ofereceu a todos estacionamento gratuito no casino dele enquanto vocês caçam. Vai deixar ordens ao pessoal dele para que a mota fique estacionada à frente, de tal modo que seja só agarrares nela e pores-te a andar quando for altura de voltares para casa, e se ficares preso na cidade e não conseguires regressar antes do nascer do dia, podes esconder-te num dos quartos dele: será deixada uma chave na receção em teu nome. Precisas de mais alguma coisa?

Aquela era a melhor parte do Andy. Tal como o pai, era tão eficiente quanto o secretário do diabo.

— Não. Não consigo pensar em nada.

— Muito bem. Se precisares de alguma coisa, terei o meu telemóvel comigo. — O rapaz dizia sempre aquilo.

Jess avançou para as bolachas.

— Dorme bem.

Andy acenou antes de avançar para a porta. Fez uma pausa, como se quisesse dizer qualquer coisa — depois saiu rapidamente para se dirigir ao apartamento que ocupava, por cima da garagem. Sem que soubesse porquê, enquanto o miúdo partia, Jess lembrou-se de Andy quando era um rapaziño, a correr atrás do pai. Ainda conseguia ver as bochechas rechonchudas, os olhos muito abertos e o rosto sardento de Andy. Lembrava-se de o ouvir perguntar, naquele tom juvenil, se Jess o ensinaria a montar, e depois apanhar o rapaz do chão da primeira vez que Andy foi projetado pelo pónei Shetland

que Jess lhe comprara. O sacaninha tinha-se levantado de imediato, sacudira o pó e depois trepara de novo para a sela como um soldadinho.

Agora aquele rapazinho era um homem que os estranhos achavam ser mais velho do que Jess.

Essa era a parte mais difícil de ser imortal. Ver as pessoas de que gostava serem crianças, envelhecerem e morrerem, enquanto *ele* nunca mudava. E tal como Andy, também conhecera o pai do rapaz desde que Ed nascera. A família Taylor gerava os seus Escudeiros desde o início da sua vida como Predador da Noite.

Ainda assim, mantivera uma parede entre si e eles. Nunca permitindo que se aproximassem demasiado. Pelo menos até Andy. Não sabia porquê, mas aquele sacaninha conseguira ultrapassar as melhores defesas de Jess. Em muitos aspetos, Andy era como um filho.

Havia apenas uma outra pessoa na sua longa vida em relação à qual Jess sentia aquilo.

Estremeceu perante mais uma memória que desejava poder purgar.

Sofrendo com a dor e os remorsos, Jess tirou o relógio do bolso para ver as horas. Mal o abriu, fez uma pausa para fitar o rosto de Matilda na gasta fotografia sépia que mantivera no interior do relógio desde o dia em que renascera. Por muitos anos que passassem, continuava a lamentar a sua perda.

Essa fora a única coisa que odiara acerca do seu renascimento. Saber que ela estava viva e não a poder ver. Os Predadores da Noite estavam proibidos de ter família e não podiam deixar que ninguém do seu passado soubesse que haviam regressado. Era parte do juramento que prestavam quando Ártemis os criava.

Ainda assim, mantivera-a debaixo de olho enquanto foi viva e assegurara-se de que nunca lhe faltaria nada. Ela tinha acabado por casar e ter seis filhos.

Sem ele.

Até ao dia da sua morte, nunca soube quem era o seu benfeitor. Os Escudeiros diziam-lhe que se tratava de um fundo criado por um tio distante que falecera e lhe deixara tudo. Ela nunca soube que o dinheiro era o resultado de um pacto que ele fizera com uma deusa para acertar umas contas que violência alguma poderia corrigir.

Por vezes, morto não era morto o suficiente.

Sentindo que a garganta se apertava, fechou o relógio. Não valia a pena pensar no que deveria ter sido. Ele fizera o que tinha a fazer. Provavelmente



Matilda ficara melhor sem ele. Mais cedo ou mais tarde, o passado dele acabaria por alcançá-los, e o resultado teria sido o mesmo.

Pelo menos essa era a mentira que contava a si mesmo, para tornar a situação suportável. Mas dentro de si, sabia a verdade. Ninguém a poderia ter amado mais do que ele amara.

Mais do que ele amava até àquele dia.

— Sinto a tua falta, Tilly. — Sentiria sempre. Mais ninguém o faria sentir-se como ela o fizera sentir-se.

Merecedor.

Praguejando, fez um trejeito com o lábio face a tão melancólicos pensamentos.

— Estou a transformar-me numa velha. Mais vale começar a fazer malha e a resmungar acerca de telenovelas, do preço dos combustíveis e dos condutores mal-educados.

Não era isso que fazia *Sundown Brady*.

Não. Era hora de matar, e naquela noite estava com vontade de se banhar em sangue.